

## São Bernardo

### Graciliano Ramos

#### CONTEXTO HISTÓRICO

- A história de São Bernardo retrata o interior de Alagoas por volta de 1920, época em que o narrador, já maduro, lança-se no ambicioso projeto de transformar uma propriedade improdutiva em algo lucrativo.
- Supõe-se que a COMPRA DA FAZENDA São Bernardo tenha sido realizada em meados da DÉCADA DE 10.
- A nova sede da propriedade => CONSTRUÇÃO PRONTA no início da DÉCADA DE 20. Não ficamos sabendo por quantos anos Paulo Honório exerceu a profissão de mascate, iniciada em 1904, aos 22 anos de idade. São Bernardo é, para muitos críticos, o melhor exemplo do ROMANCE DE 30, tanto do ponto de vista temático quanto formal.

#### ESTRUTURA DA OBRA

- Título da obra: Nome da fazenda que Paulo Honório comprou (cap. 3, recuo no tempo de 50 anos) e modernizou.

*“O meu fito na vida foi apossar-me das terras de S. Bernardo, construir esta casa, plantar algodão (descrição no cap. 23), plantar mamona, levantar a serraria e o desencaroçador, introduzir nestas brenhas a pomicultura e a avicultura, adquirir um rebanho bovino regular”* (cap.2)

- A fazenda São Bernardo passa a ser na região (interior de Alagoas)

SÍMBOLO DE MODERNIDADE e de ÊXITO ECONÔMICO: o dono obtinha lucro fornecendo gêneros alimentícios às cidades vizinhas.

- Número de capítulos: 36 capítulos sem títulos.
- GÊNERO, ESTILO DE ÉPOCA → ROMANCE REGIONALISTA MODERNISTA com preocupações sociais, políticas e psicológicas.

Pertence à safra que ficou conhecida com o nome de ROMANCE DA DÉCADA DE 30.

- As obras de Graciliano Ramos encaixam-se no REALISMO CRÍTICO, exibindo sempre um HERÓI-PROBLEMA (*não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo*).

Prefere a análise psicológica ao paisagismo regionalista.

- CLASSIFICAÇÃO DO ROMANCE ROMANCE SOCIAL E PSICOLÓGICO social + psicológico => criar uma obra de profunda ANÁLISE DAS RELAÇÕES HUMANAS.

Este é, sem dúvida, um dos romances mais densos da literatura brasileira

“TRAGÉDIA DO CIÚME”, no plano afetivo

“ROMANCE DO DESENCONTRO ENTRE TER (Paulo Honório) E SER (Madalena)”.

#### ELEMENTOS DA NARRATIVA: NARRADOR

- O romance é narrado na 1ª pessoa. O narrador - Paulo Honório - conta a sua história depois de a ter vivido → vale-se das lembranças para expor fatos do presente e do

passado, dando à história feições de memórias → conta sua dura vida em retrospectiva, de guia de cego a proprietário da fazenda São Bernardo.

*“Tenciono contar a minha história. (...) Talvez deixe de mencionar particularidades úteis, que me pareçam acessórias e dispensáveis.”* (cap. 2) Paulo Honório narra a difícil infância, da qual pouco se lembra excetuando o cego de que foi guia e a preta velha que o acolheu.

#### ELEMENTOS DA NARRATIVA: PERSONAGENS

##### ▪ Negra Margarida:

Protegeu o narrador quando ele era menino.

Já rico, traz a negra Margarida (que ele chama de mãe) para morar na fazenda São Bernardo. Azevedo Gondim que descobriu o seu paradeiro (cap. 9).

Paulo a encontrou no cap. 10.

##### ▪ Tubarão:

Cão de Paulo Honório; aparece no livro desde o início. (cap. 6)

##### ▪ Dona Glória:

Tia de Madalena.

Paulo Honório tem aversão por ela.

##### ▪ Salustiano Padilha:

Ex-dono da fazenda São Bernardo, pai de Luís Padilha.

Morreu sem realizar o sonho de ver o único filho doutor.

##### ▪ Germana:

Primeira namorada de Paulo Honório.

“Cabritinha sarará danadamente assanhada” de quem Paulo Honório gostava.

Ela se enxeriu com João Fagundes e provocou uma tragédia: Paulo bateu em Germana e esfaqueou o rival, indo parar na cadeia por três anos, nove meses e quinze dias. Ali aprendeu a ler com Joaquim Sapateiro.

##### ▪ Luís Padilha:

= vítima dos planos de posse de Paulo Honório.

Após a morte do pai => bebida, farra e mulheres.

DÍVIDAS => passou a fazenda São Bernardo para o nome do narrador.

*“S. Bernardo não vale o que um periquito rói.”* (a Padilha quando pretendia ter a fazenda, o que conseguiu sem remorsos; cap. 4)

Como compensação, foi contratado para ser professor por Paulo, apesar das idéias socialistas.

*“Arredei-o de casa, a bem dizer prendi-o na escola. Lá vivia, lá dormia, lá recebia alimento, bóia fria, num tabuleiro”* (cap. 25)

*“Continue a escrever os contozinhos sobre o proletário”* (cap. 25) desmerecendo o que ele escreveu.

▪ **“Seu” Ribeiro:**

*Um velho alto, magro, curvado, amarelo, de súf-  
ças; viúvo. Tinha setenta anos.* Paulo Honório  
encontrou-o em Maceió, trabalhando na Gazeta do  
Brito. Simpatizou com ele e levou-o para São Ber-  
nardo para ser guarda-livro.

*“Ouvi a sua história, que aqui reproduzo pondo os  
verbos na terceira pessoa e usando quase a  
linguagem dele.”* (cap.7)

▪ **Joaquim Sapateiro:**

Na cadeia, ensinou Paulo Honório a ler.

▪ **Mestre Caetano:**

Tomava conta da pedreira. Adoeceu de tanto tra-  
balhar. Se não fosse Madalena, morreria à mín-  
gua.

▪ **Azevedo Gondim:**

Lúcio Gomes de Azevedo Gondim é redator e  
diretor do jornal O Cruzeiro.

Jornalista, amigo de Paulo Honório, freqüenta-lhe  
a casa. Achava que um artista não pode escrever  
como fala. Por isso, desentendeu-se com o narra-  
dor

▪ **Casimiro Lopes:**

Amigo de Paulo Honório desde os tempos difíceis.  
Corajoso, laça, rasteja, tem faro e fidelidade de  
cão. Executa as ordens de Paulo Honório sem  
discuti-las

▪ **João Nogueira:**

Advogado, amigo de Paulo Honório, freqüenta-lhe  
a casa. No início, foi convidado para participar da  
composição das memórias. Queria compor o livro  
em língua culta, à maneira de Camões.

No cap. 25, *“requebrando-se para o Nogueira, ao  
pé da janela”*. Ciúmes.

▪ **Mendonça:**

Tinha barba branca e nariz curvo.

Dono da fazenda Bom-Sucesso, vizinha à São  
Bernardo. Certo domingo, quando voltava da elei-  
ção, recebeu um tiro de tocaia e morreu na estra-  
da. (cap. 6)

▪ **Dr. Magalhães:**

*“pequenino, tem um nariz grande, um pince-nez e  
por detrás do pince-nez uns olhinhos risonhos”*.  
(cap. 12)

Juiz de Direito, amigo de Paulo Honório, freqüen-  
ta-lhe a casa.

Na ambição de conquistar mais terras, Paulo in-  
dispõe-se com todos os vizinhos, menos com ele.

▪ **Marciano:**

Tomava conta dos bichos.

Certa vez, Paulo Honório deu-lhe uns tapas e, por  
isso, indispôs-se com Madalena.

▪ **Costa Brito:**

Jornalista que tentou extorquir dinheiro de Paulo  
Honório. Não conseguindo, promoveu uma cam-

panha de difamação na Gazeta contra o narrador.  
Levou chicotadas, no meio da rua (cap. 13).

▪ **Rosa:**

Casada com Marciano. Mulher com quem o narra-  
dor se envolvia às escondidas (p. 25: *“Tive sempre  
cuidado de mandá-lo à cidade, às compras, oportu-  
namente.”*).

No cap. 31, faz descrição das atitudes de Rosa ao  
atravessar o riacho.

## LINGUAGEM

Graciliano consegue, em São Bernardo, uma  
grande proeza de estilo: usar uma linguagem mui-  
to próxima da coloquial, mas filtrada pelas normas  
gramaticais do chamado “código culto”, próprio  
das elites citadinas.

## A OBRA

A obra São Bernardo, de Graciliano Ramos, ape-  
sar de pertencer à Segunda Geração Modernista,  
cujos propósitos, em prosa, ligam-se à denúncia  
social, à apresentação questionadora e crítica do  
Brasil, afasta-se, ao mesmo tempo, da mesma.  
Notamos, ao analisar o romance, que, se há de-  
núncia, esta fica em segundo plano. Todo o ro-  
mance envolve a tensão psicológica de Paulo  
Honório, que se desenvolverá, aqui, em dois pla-  
nos: o Paulo Honório narrador e o Paulo Honório  
personagem. Paulo Honório causa-nos o “estra-  
nhamento” por ser um herói problemático, bus-  
cando o entendimento na avaliação de si mesmo.  
A história é contada num tempo posterior aos fa-  
tos, ou seja, Paulo Honório, no passado, vivenciou  
uma série de experiências, que, agora, num tempo  
atual (já com cinquenta anos), pretende relatar em  
livro. Toda a narrativa se envolverá num processo  
de circularidade e alternâncias: no enredo central,  
teremos Paulo Honório personagem; na narração,  
aparecerá o Paulo Honório avaliativo, distante dos  
fatos, buscando entender a si, ao mundo e até  
mesmo ao seu processo de criação. Inicialmente,  
o narrador explica ao leitor todo o seu processo de  
escritura, fazendo-o participar da obra. Em todo o  
primeiro capítulo do livro, Paulo Honório narrador  
expõe seu projeto de fazer a obra pela “divisão do  
trabalho”. Para tanto, “Padre Silvestre ficaria com  
a parte moral e as citações latinas; João Nogueira  
aceitou a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composi-  
ção literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo  
Gondim, redator e diretor do ‘Cruzeiro’.”(p.7). Per-  
cebe-se que, por meio de um processo de meta-  
linguagem, coloca-se o processo da escritura em  
discussão. Junto com ele, descobrimos que o pro-  
cesso de elaboração é falho (“O resultado foi um  
desastre.”- p. 8), pois mascara seu autor: ele é um  
homem rústico, e não aquilo que estavam fazendo  
que ele parecesse (...está pernóstico, está safado,  
está idiota. Há lá quem fale dessa forma!- p.9).  
Desta maneira, Paulo Honório coloca-se como  
alguém simples, não afeito a técnicas narrativas  
normalmente consideradas sofisticadas, daí as  
referências à “língua de Camões”. É por isso que

assumirá a escritura do romance que tratará de sua história, desde guia de cegos a proprietário da fazenda São Bernardo: narrativa que se pretende escrita de forma rústica para tratar de uma "alma agreste", conforme ele se autoqualifica. Porém, engana-se o leitor se imagina encontrar um texto desconexo, escrito por alguém que se diz semi-analfabeto; ao contrário, deparamo-nos com um texto, que, em termos de linguagem, poderia, inclusive, ser classificado como clássico: a linguagem é "enxuta", sem preocupação descritiva ou abuso de linguagem figurada; é a nítida preferência pelo substantivo, pela informação direta, aproximando-se de uma linguagem referencial, bastante afastada daquilo que chamaríamos, tradicionalmente, de poético. Neste sentido, poderíamos fazer uma comparação com Machado de Assis, pois é a mesma preferência pela análise psicológica, por conseguinte ocupando maior espaço na obra. É aí que encontramos a iconicidade: é a linguagem reveladora da personagem, ambos agrestes, áridos. Todavia, essa simplicidade toda não nos leva a uma narrativa primitiva, linearmente organizada. O texto é carregado de digressões e processos metalingüísticos. O narrador quer criar a ilusão de que está escrevendo o texto sem planejamento, sem cálculo prévio, forjando um primitivismo literário num livro de memórias: Paulo Honório narrador conta a história de Paulo Honório personagem. Seu método seria algo semelhante à técnica narrativa impressionista, contando os fatos conforme vão surgindo na memória, daí a "desordem", a falta de linearidade cronológica; por exemplo, ficamos sabendo que o filho de Madalena já havia nascido, porque o narrador o apresenta chorando: O pequeno berrava como bezerro desmamado. Não me contive: voltei e gritei para d. Glória e Madalena: - Vão ver aquele infeliz. Isso tem jeito? Aí na prosa, e pode o mundo vir abaixo. A criança esgoelando-se! Madalena tinha tido um menino. (p.123). Agora, sem dúvida, um dos pontos mais altos desse processo de digressão é o capítulo 19. Ele é todo digressão: Paulo Honório - já com seus cinquenta anos, em seu tempo presente - interrompe o desenrolar dos fatos para escrever um capítulo fluxo de consciência, que o leitor, que entra em contato com a obra pela primeira vez, só vai entender quando acabar de ler o romance. No auge do seu conflito psicológico, com Madalena já morta, Paulo Honório a vê aproximar-se dele: - Madalena! A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos." (p. 102). Ele só a vê em suas lembranças, em sua consciência, mas é como se ela se materializasse diante de si; é aí que ele faz algumas conjecturas sobre ela e ele: A voz de Madalena continua acariciar-me. Que diz ela? Pede-me naturalmente que mande algum dinheiro a mestre Caetano. Isto me irrita, mas a irritação é diferente das outras, é uma irritação antiga, que me deixa inteiramente calmo. Loucura uma pessoa estar ao mesmo tempo irritada e tranqüila. Mas estou assim. Irritado contra quem? Contra mestre Caetano. Não obstante ele ter morrido, acho bom que vá trabalhar. Mandrião! A toalha reaparece,

mas não sei se é esta toalha sobre que tenho as mãos cruzadas ou a que estava aqui há cinco anos. (p. 102 e 103). A contradição o assola ("... é uma irritação antiga que me deixa inteiramente calmo."); o desejo de compreender acentua-se, daí as constantes referências às contradições: é o desejo de rever Madalena, mas, simultaneamente, o não entendimento de suas atitudes, o que ainda o irrita, como no passado: Agitam-se em mim sentimentos inconciliáveis: encolerizo-me e entorneço-me; bato na mesa e tenho vontade de chorar. Aparentemente, estou sossegado: as mãos continuam cruzadas sobre a toalha e os dedos parecem de pedra. Entretanto ameaço Madalena com o punho. Esquisito. (p. 103). Este capítulo traz o mesmo Paulo Honório do final da obra: sozinho, triste, convivendo com seus fantasmas, como o senhor Ribeiro e d. Glória, já distantes no momento presente: Apesar disso a palestra de seu Ribeiro e d. Glória é bastante clara. A dificuldade seria reproduzir o que eles dizem. É preciso admitir que estão conversando sem palavras. (p.103 e 104). Todo esse momento do enredo nos revela tanto os conflitos de Paulo Honório quanto a consciência técnica do narrador; afinal, esse fluxo de consciência é extremamente bem feito para alguém que se diz semi-analfabeto. Por conseguinte, enxergamos, por trás de Paulo Honório, o escritor Graciliano Ramos, consciente pleno do processo narrativo, capaz de criar uma "desordem" apenas aparente, reveladora, na verdade, do tempo atual da personagem. Após o capítulo 19, o texto retoma o seu desenvolvimento normal. É interessante observar que, apesar de o narrador deixar claro que tem consciência de tudo o que se passou, inclusive antecipando fatos, cria o suspense em citações de intensa emoção, como no momento da "despedida" de Madalena, preparando já o seu suicídio, por meio de um diálogo rápido e vigoroso: - O resto está no escritório, na minha banca. Provavelmente esta folha voou para o jardim quando eu escrevi. - A quem? - Você verá. Está em cima da banca. Não é caso para barulho. Você verá. - Bem. Respirei. Que fadiga! - Você me perdoa os desgostos que lhe dei, Paulo? - Julgo que tive minhas razões. - Não se trata disso. Perdoa? Rosnei um monossílabo. - O que estragou tudo foi esse ciúme. Paulo. (p. 160). A metalinguagem também tem o papel de apresentar o narrador avaliativo. Paulo Honório coloca-se na posição de quem, além de auto-avaliar os dois primeiros capítulos como "inúteis", avalia as atitudes da personagem, com uma visão adiantada dos fatos: Já viram como perdemos tempo com padecimentos inúteis? Não era melhor que fôssemos como os bois? Bois com inteligência. Haverá estupidez maior que atormentar-se um vivente por gosto? Será? Não será? Para que isso? Procurar dissabores! Será? Não será? (p. 148). O de que sempre temos certeza é da dúvida de Paulo Honório. Ele é alguém que jamais fechará um raciocínio sequer, como veremos no desfecho. Todo o foco central da ação desse personagem se liga à posse de São Bernardo e ao relacionamento com Madalena, e até nisso o narrador se utiliza das digressões, numa

pretensa "desorganização natural" das lembranças. No capítulo dois, por exemplo, temos exposto seu grande objetivo na vida: "O meu fito na vida foi apossar-me das terras de São Bernardo, construir esta casa, plantar algodão, plantar mamona, levantar a serraria e o descaroçador, introduzir nestas brenhas a pomicultura e a avicultura, adquirir um rebanho bovino regular." (p.11) Porém, no capítulo 3, observamos um retrocesso temporal, pois o narrador apresenta-nos a sua história de vida - o menino de origem humilde, que vendia doces para a velha Margarida, e o guia de cegos; a prisão, o aprendizado mínimo da leitura na cadeia e a posterior saída, pensando já em "ganhar dinheiro" (p.13). Tal processo digressivo é flagrante tentativa de autojustificação; Paulo Honório usará de meios pouco lícitos para conseguir São Bernardo (aproveita-se da miséria e vício de Padilha, para conseguir a fazenda por valor baixo); sua infância sofrida, a falta de oportunidades, as dificuldades, tudo para "justificar" suas atitudes e a falta de remorsos. Na verdade, não se conforma com o descaso de Padilha para com tão boa propriedade; era realmente muito injusto vê-la nas mãos de um farrista, e não em suas mãos, que, como veremos, trabalharão essa terra: Trabalhava danadamente, dormindo pouco, levantando-se às quatro da manhã, passando dias ao sol, à chuva, de facão, pistola e cartucheira, comendo nas horas de descanso um pedaço de bacalhau assado com um punhado de farinha. (p.29). Claro que não podemos dizer que o narrador queira envolver, emocionalmente, o leitor. Não há interesse em deixar o leitor penalizado, justificando-se frente a ele, como se o estivesse fazendo frente à sociedade. Se há alguém frente a que Paulo Honório queira justificar-se, esse alguém é ele mesmo, na busca do autoconhecimento. A posse de São Bernardo, para ele, será fundamental. Adquiri-la significa adquirir respeito. A criança humilde aprendera que só os poderosos são respeitados, daí a obsessão por ganhar dinheiro, por mandar; nota-se tal procedimento já na posse da fazenda: Pensei que, em vez de aterrar o charco, era melhor mandar chamar mestre Caetano para trabalhar na pedreira. Mas não dei contra-ordem, coisa prejudicial a um chefe. (p.28). Paulo Honório personagem está-se acostumando a ser chefe, daí a necessidade de se impor para ser respeitado. Para isso São Bernardo chegará a ter objetos de que ele sequer se utiliza: Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem. (p.39). Paulo Honório acredita que ter é fundamental. Sendo assim, tudo será válido para conseguir seu objetivo: A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de São Bernardo, considereí legítimas as ações que me levaram a obtê-las. (p. 39). E é por isso que tudo será avaliado pelo valor monetário que possui, até mesmo a velha Margarida: A velha Margarida mora aqui em São Bernardo, numa casinha limpa, e

ninguém a incomoda. Custa-me dez mil-réis por semana, quantia suficiente para compensar o bocado que me deu. (p.12 e 13). É a isso que Alfredo Bosi, em sua História Concisa da Literatura Brasileira, chamará de "universo do ter", que se amplia a cada atitude sua. A instrução, a cultura, para ele, é uma das coisas mais inúteis - são supérfluas, frente à necessidade maior, que é a da posse. Mesmo assim, chegará a construir uma escola na fazenda, buscando, em troca, "a benevolência do governador" (p.44); assim será também com a igreja ("A escola seria um capital. Os alicerces da igreja eram também capital" - p. 44 e 45). A filosofia do ter endureceu Paulo Honório. Ao pensar, por exemplo, em relacionamento entre homem e mulher, vê-os como "machos e fêmeas" (p.65). Por isso, no casamento, buscará, inicialmente, o "herdeiro para São Bernardo", alguém capaz de herdar sua obsessão pelo ter. Madalena parece adequada. Cogitando a possibilidade de casar-se com ela, imagina, de imediato, a reprodução dos "bons espécimes"; reproduzir filhos não é diferente de reproduzir animais: Se o casal for bom, os filhos saem bons; se for ruim, os filhos não prestam. A vontade dos pais não tira nem põe. Conheço o meu manual de zootecnia. (p. 87). Sendo assim, também acredita que atrairá Madalena, mostrando-lhe o que há em São Bernardo, desde as aves até a extensão das terras. Chega a, inclusive, colocar a Madalena o casamento como uma espécie de negócio, como algo que lhe possa "garantir o futuro": - O seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Muito vantajoso. Mas é preciso refletir. De qualquer maneira, estou agradecida ao senhor, ouviu? A verdade é que sou pobre como Job, entende? - Não fale assim, menina. E a instrução, a sua pessoa, isso não vale nada? Quer que lhe diga? Se chegarmos a um acordo, quem faz negócio supimpa sou eu. (p. 90). Madalena não se revelará, mais tarde, como alguém que valorize os bens materiais (vemos, por exemplo, sua dedicação aos pobres e funcionários que viviam na fazenda), o que torna difícil acreditar que se tenha casado por dinheiro. Porém, não se podem fazer, por outro lado, colocações fechadas em relação a ela; o narrador, em relação a Paulo Honório, mantém distância mínima, pois trata-se de um processo de desdobração, mas, em relação a Madalena, a distância é máxima. Tudo isso significa que o leitor não tem acesso direto à consciência dela, o que reforça a ambigüidade - será que não haveria, por parte de Madalena, nenhum interesse financeiro, nenhuma necessidade de adquirir segurança por meio do casamento? O diálogo acima transcrito permite essa análise. Para dificultar ainda mais as coisas, não nos podemos esquecer de que quem conta essa história é Paulo Honório, diretamente envolvido com ela. Por conseguinte, o foco narrativo é dele, o que gera uma visão parcial da história. O próprio narrador dará subsídios para este tipo de enfoque; vejamos, por exemplo, os comentários dele sobre a transcrição de um de seus diálogos com d. Glória: Essa conversa, é claro, não saiu de cabo a rabo como está no papel. Houve suspen-

sões, repetições, mal entendidos, incongruências, naturais quando a gente fala sem pensar que aquilo vai ser lido. Reproduzo o que julgo interessante. Suprimi diversas passagens, modifiquei outras. O discurso que atirei ao mocinho do rubi, por exemplo, foi mais enérgico e mais extenso que as linhas chochas que aqui estão. A parte referente à enxaqueca de d. Glória (a enxaqueca ocupou, sem exagero, metade da viagem) virou fumaça. Cortei igualmente, na cópia, numerosas tolices ditas por mim e por d. Glória. Ficaram muitas, as que as minhas luzes não alcançaram e as que me pareceram úteis. É o processo que adoto; extraio dos acontecimentos algumas parcelas; o resto é bagaço. (p.77 e 78). Se ele expurgou seu diálogo com ela, por que não faria o mesmo em sua conversa com Madalena, ou mesmo contaria tudo como lhe conviesse? Mas por que Madalena? Ela não se revelará como alguém que se harmonize, em nada, com Paulo Honório; para ele, ela tem defeitos irremediáveis, como, por exemplo, ser culta, instruída, altruísta, ou pior, escreve artigos: - Mulher superior. Só os artigos que publica no Cruzeiro! Desanimei: - Ah! Faz artigos! - Sim, muito instruída. Que negócio tem o senhor com ela? - Eu sei lá! Tinha um projeto, mas a colaboração no Cruzeiro me esfriou. Julguei que fosse uma criatura sensata. (p. 85). Porém, ele a escolheu. A justificativa que parece mais lógica é o fato de ela ser exatamente aquilo que ele não é. Paulo Honório - como já anteriormente citado - busca o respeito alheio, busca estabilizar-se e ser reconhecido. Uma esposa professora seria mais respeitável do que qualquer cabocla comum. De início, ele imaginou-a como uma menina frágil, fácil de dominar. Enganou-se: Madalena tem iniciativa, quer trabalhar, ajuda aos outros sem pedir autorização e não dá importância às aparências: Tive, durante uma semana, o cuidado de procurar afinar a minha sintaxe pela dela, mas não consegui evitar numerosos solecismos. Mudei de rumo. Tolice. Madalena não se incomodava com essas coisas. Imaginei-a uma boneca da escola normal. Engano. (p.95). O protagonista sente necessidade de adaptar-se a ela, tenta de tudo, porém todas as tentativas são infrutíferas. O grande problema é que as energias que regem a vida dos dois são diferentes: ele é regido pela posse, pelo ter; ela, pelo ser. São diretrizes de vida muito diversas, daí a dificuldade de compreensão de Paulo Honório. A consequência será um ascendente ciúme; os alvos desse sentimento serão vários: Padilha, seu Ribeiro, Gondim, Padre Silvestre, chegando ao ponto de imaginar que o amante vinha encontrá-la à noite, dentro de sua própria casa ("Três anos de casado. Fazia exatamente um ano que tinha começado o diabo do ciúme."- p. 164). Madalena, apesar de forte, será destruída por tudo isso. Seu suicídio é o auge disso tudo: "Arredei-as e estaquei: Madalena estava estirada na cama, branca, de olhos vidrados, espuma branca nos cantos da boca. Aproximei-me, tomei-lhe as mãos, duras e frias, toquei-lhe o coração, parado. Parado. No soalho havia mancha de líquido e cacos de vidro. (p.165). E, assim, chegamos ao momento presen-

te. Justificativas e justificativas... no final, um Paulo Honório que escreveu um livro e só consegue ter certeza de sua solidão, seu estado de abandono, sua inutilidade: "Cinquenta anos! Quantas horas inúteis! Consumir-se uma pessoa a vida inteira sem saber para quê! Comer e dormir como um porco! Como um porco! Levantar-se cedo todas as manhãs e sair correndo, procurando comida! E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! Que porcaria! Não é bom vir o diabo e levar tudo?" (p.181). A seqüência de exclamações é icônica; temos, diante de nós, um homem revoltado, reconhecendo a inutilidade de sua vida. Isso o redime?: Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo. Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins. É a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda parte! A desconfiança é também consequência da profissão. (p.181). Enfim, a circularidade da narrativa acontece: o mesmo Paulo do início, que reconhece, parcialmente, seu erro, mas a culpa é jogada aos fatores externos. Meio possível de acalmar a consciência, mas que não elimina a dor do reconhecimento e da perda. Quem queria acumular bens acumulou perdas: destruiu a si e aos outros. Assim, Paulo Honório torna-se apenas um ser humano, não típico espacialmente, mas um ser humano universal, capaz de refletir, mas incapaz de chegar a respostas definitivas

#### QUESTÕES:

01) (FUVEST) Costuma-se reconhecer que a obtenção verossimilhança (capacidade de tornar ficção semelhante à verdade) é a principal dificuldade artística inerente à composição de São Bernardo.

Essa dificuldade decorre principalmente:

- a) da mistura de narrativa psicológica, individual, com intenções doutrinárias, políticas e sociais.
- b) da junção do estilo seco, econômico, com o caráter épico, eloqüente, dos fatos narrados.
- c) do caráter inverossímil da acumulação de capital na zona árida do Nordeste.
- d) da incompatibilidade de base entre o narrador-personagem e Madalena, que torna difícil crer em seu casamento.
- e) da distância que há entre a brutalidade do narrador-personagem e a sofisticação da narrativa.

02) (UNIMEP) Com relação à obra São Bernardo, de Graciliano Ramos, afirma-se que a crise de Paulo Honório "não é fruto da posse dos bens e do exercício de poder, mas das condições de sua trajetória rumo à conquista dos mesmos. Condições estas responsáveis pela lucidez alcançada em relação ao seu papel social em particular e à condição humana em geral."

Assinale o fragmento que comprova a afirmação quanto à lucidez relacionada à condição humana:

- a) "A princípio o capital se desviava de mim, e perseguiu-o sem descanso, viajando pelo sertão,

*negociando com redes, gado, imagens, rosários, miudezas, ganhando aqui, perdendo ali, marchando no fiado, assinando letras, realizando operações embaralhadíssimas.”*

b) *“... Levei Padilha para a cidade, vigiei-o durante a noite. No outro dia cedo, ele meteu o rabo na ratoeira e assinou a escritura. Deduzi a dívida, os juros, o preço da casa e entreguei-lhe sete contos e quinhentos e cinqüenta mil-réis. Não tive remorsos.”*

c) *“E como sempre tive a intenção de possuir as terras de São Bernardo, considere legítimas as ações que me levaram a obtê-las.”*

d) *“Cinqüenta anos, cinqüenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada.”*

e) *“Fastio, inquietação constante e raiva. Madalena, Padilha, D. Glória, que trempe! O meu desejo era pegar Madalena e dar-lhe pancada até no céu da boca.”*

03) (UFC) As passagens abaixo fazem referência a personagens do romance São Bernardo, do escritor Graciliano Ramos. Assinale a alternativa onde é apresentado o personagem que tem, ao longo do romance, o papel de resgatar em Paulo Honório a dignidade humana.

a) *... “O Senhor andou mal adquirindo a propriedade sem me consultar, gritou Mendonça do outro lado da cerca.”...*

b) *... “Padilha baixou a cabeça e resmungou amado que sabia contar. Saiu, voltou outras vezes, insistindo.”...*

c) *... “Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.”...*

d) *... “Onde andaria a velha Margarida? Seria bom encontrar a velha Margarida e trazê-la para São Bernardo. Devia estar pegando um século, pobre da negra.”...*

e) *... “Padre Silvestre recebeu-me friamente. Depois da Revolução de Outubro, tornou-se uma fera, exige devassas rigorosas e castigos para os que não usarem lenços vermelhos.”...*

04) (UFC) Os trechos que você vai ler foram extraídos respectivamente dos romances **Dom Casmurro** e **São Bernardo**.

*“... Ezequiel abriu a boca. Cheguei-lhe a xícara tão trêmulo que quase a entornei, mas disposto a fazê-la cair pela goela abaixo, caso o sabor lhe repugnasse, ou a temperatura, porque o café estava frio... mas não sei o que senti que me fez recuar. Pus a xícara em cima da mesa e dei por mim a beijar doidamente a cabeça do menino.”*

*“... Se eu tivesse uma prova de que Madalena era inocente, dar-lhe-ia uma vida como ela nem imaginava... E se eu soubesse que ela me traía? Ah! Se eu soubesse que ela me traía, matava-a, abria-lhe*

*a veia do pescoço, devagar, para o sangue escorrer o dia inteiro...”*

Mostre qual das alternativas melhor descreve o clima que envolve os protagonistas e representa, em síntese, a própria tônica dos romances:

- a) instinto assassino;
- b) sentimento de ambigüidade;
- c) desejo de vingança;
- d) sentimento de autopunição;
- e) sentimento de revolta.

05) (UFRGS) Quais das afirmativas abaixo estão corretas em relação ao romance São Bernardo?

I - O romance, narrado em primeira pessoa, conta a decadência do engenho São Bernardo, substituído pela usina, e a conseqüente decadência física e psíquica do personagem-narrador.

II - A obra narra a ascensão de Paulo Honório, proprietário da fazenda São Bernardo, cujo único objetivo é lucrar com tudo e com todos, vendo-os como objetos.

III - Abandonado por Madalena, Paulo Honório vive momentos de angústia e solidão, mas, no desfecho da narrativa, despe-se de seu orgulho e busca uma reconciliação com a esposa.

IV - Nesta obra, Graciliano Ramos aborda a problemática da coisificação dos indivíduos, fazendo o balanço trágico da vida de um homem que se desumaniza para poder viver.

V - Madalena contrapõe-se a Paulo Honório porque encarna o humano, a solidariedade e o desejo de transformação social.

- a) Apenas I e II.
- b) Apenas I, II e III.
- c) Apenas II, III e IV.
- d) Apenas II, IV e V.
- e) Apenas IV e V.

06) (UFG) Considere o texto abaixo:

*“Encaminhei-me ao hotel, mas nem tive tempo de almoçar, porque fui chamado à polícia. Apertaram-me com interrogatórios redundantes, perdi o trem das três e não consegui demonstrar ao delegado que ele era ranzinza e estúpido. Aporrinhado, recorri a um bacharel (trezentos mil-réis, fora despesas miúdas com automóveis, gorjetas, etc) e embarquei vinte e quatro horas depois, levando nos ouvidos um sermão do secretário do Interior.”*

O referido trecho, extraído de São Bernardo, de Graciliano Ramos, mostra o desagrado de Paulo Honório diante dos problemas desencadeados por causa de seu comportamento coronelístico, comportamento que estava se tornando arcaico face à modernização do país. O fato que gerou a convocação do personagem à polícia e de ter de ouvir a crítica do secretário foi:

- a) a surra que aplicou no jornalista Costa Brito, que o atacava pela imprensa.
- b) a cobrança de juros extorsivos pelo empréstimo cedido a Luís Padilha, levando-o à inadimplência.
- c) as palavras duras aplicadas contra as idéias esquerdistas de Madalena.
- d) a tomada pela força das terras que pertenciam ao antigo juiz, o Dr. Magalhães.

e) a recusa em construir uma escola e uma igreja nas terras de São Bernardo, deixando as crianças entregues ao analfabetismo e ao pecado.

07) (UFRGS) Em relação a **São Bernardo**, é correto afirmar que:

- a) Esse romance é uma narrativa em que se evidencia a visão introspectiva, com ênfase no monólogo interior, sendo raras as descrições do processo histórico.
- b) Paulo Honório, para chegar à posse da fazenda, arquiteta um plano cruel, que acaba levando à falência o seu antigo proprietário.
- c) esse romance se insere na corrente estética neo-romântica do início do século, que procura valorizar o elemento local e o exotismo.
- d) Madalena resolve abandonar Paulo Honório e retornar à sua terra natal por não suportar a crueldade do marido.
- e) Paulo Honório, na luta pela posse da terra, se deixa conduzir pelos ideais de bravura e de idealismo herdados de seus antepassados.

08) (UFRGS) Considere as seguintes afirmações:

I - Paulo Honório é o narrador-protagonista que, após a morte da mulher, Madalena, e a decadência material de sua propriedade rural, conta a sua história.

II – Madalena e Paulo Honório não se entendiam porque ela era dotada de sensibilidade para com os despossuídos, enquanto ele via, nas pessoas, simples objetos que poderia manipular para obter benefícios.

III- O processo de recontar a própria vida tentando entendê-la permite aproximar Paulo Honório do personagem Bentinho, em Dom Casmurro, de Machado de Assis.

Quais são as corretas:

- a) Apenas I
- b) Apenas II
- c) Apenas I e II
- d) Apenas II e III
- e) I, II e III

09) (UFB) *“Agitam-se em mim sentimentos inconsiliáveis: escolerizo-me e entorneço-me; bato na mesa e tenho vontade de chorar.”*

Um dos momentos centrais de **São Bernardo**, o texto acima ajuda a compreender a personalidade de Paulo Honório, personagem-narrador do romance, na medida em que revela:

- a) Uma personalidade frágil, abatida pelas circunstâncias.
- b) Uma personalidade autoritária e inflexível, que se revolta contra tudo e contra todos.

c) Uma personalidade complexa, perturbada diante dos acontecimentos.

d) Uma personalidade rica em humanidade, que se destrói diante dos eventos adversos.

e) Uma personalidade sentimental e lírica, incapaz de conciliar os próprios sentimentos

10) Apenas uma das afirmativas seguintes é incorreta a respeito de **São Bernardo**.

a) Ao rejeitar o estilo que Azevedo Gondim, João Nogueira e o padre Silvestre propõem para o seu relato, e optar por uma linguagem coloquial, Paulo Honório, sem o saber, aproxima-se da visão modernista da expressão literária.

b) A presença contínua, na fazenda, do padre Silvestre, do advogado e do jornalista, indicam que Paulo Honório conhecia e valorizava o poder da Igreja, das chicanas jurídicas e da imprensa na sustentação do esquema sócio-político da República Velha.

c) Apesar da Revolução de 30 significar um processo de inovações no país, Paulo Honório – que modernizara espetacularmente a sua fazenda – não adere ao movimento rebelde, tanto pelo seu fracasso pessoal quanto por sua alma primitiva estar ligada ao mundo que morria em 1930.

d) A consciência da derrota social e humana leva Paulo Honório, no final do romance, à terrível dificuldade para dormir, isto é, à dificuldade para apagar as lembranças tormentosas.

e) A percepção dos erros cometidos no passado é o trampolim para uma transformação radical na vida de Paulo Honório, que agora pretende ser um novo homem.

**GABARITO:**

	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
A						x				
B				x			x			
C			x						x	
D		x			x					
E	x							x		x

**Organizado por:**



Colégio Raiz e Raiz Cursos Especiais

www.colegoraiz.com.br

(32)3531-7914 - (32)3531-4624